



PROTAGONISMO E AUTONOMIA DE MULHERES NEGRAS, A EXPERIÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES: GELEDÉS E CRIOLA¹.

Lady Christina de Almeida²

Não pode ser seu amigo quem exige seu silêncio ou atrapalha seu crescimento.
Alice Walker

Uma das formas de exercer autonomia
é possuir um discurso sobre si mesmo.
Neusa Santos Souza

O presente texto pretende realizar uma reflexão sobre a forma de organização autônoma que as mulheres negras brasileiras vêm desenvolvendo, em contextos urbanos, desde a década de 80.

Primeiramente, iremos traçar um breve panorama das organizações de mulheres negras no Brasil. Contudo, é importante salientar que as mulheres negras, como interlocutoras políticas, sempre estiveram presentes nos movimentos sociais, mas sua representatividade política só começa a ser reconhecida a partir dos anos 80³.

A organização atual de mulheres negras com expressão coletiva passa a adquirir visibilidade política no campo feminista especificamente a partir do III Encontro Latino-Americano Feminista em Bertioga, no ano de 1985. Lemos (1997)⁴ revela que durante a década de 80 diversas organizações de mulheres negras surgiram, apresentando uma alternativa ao feminismo, mais abrangente, pois essas organizações buscavam dizer a respeito a todas as mulheres, independente de sua origem étnica e social. A autora cita a fala de Jurema Werneck fundadora e coordenadora da organização Criola, que expressa a principal diferença entre o feminismo negro e o não negro (ou tradicional).

O feminismo original não tinha diferenças palpáveis, de classe social, de raça. Só existia a questão de gênero. Não encarou de frente esses conflitos que existiam por essas diferenças, então o discurso racial, o feminismo negro encarna o discurso racial. É um feminismo que fala dessa coisa de ser mulher negra, acho que isto é a principal diferença, quer dizer, que define todo o resto. E a inserção da negra no mundo, na sociedade brasileira vai provocar todas as outras diferenças subseqüentes⁵.

¹ **Geledés** – Instituto da Mulher Negra, criado em 30 de abril de 1988, localizado em São Paulo. A palavra Geledê é originalmente uma forma de sociedade secreta feminina de caráter religioso existente nas sociedades tradicionais yorubás. Expressa o poder feminino sobre a fertilidade da terra, a procriação e o bem-estar da comunidade. **Criola** – Grupo de mulheres negras, é uma instituição da sociedade civil sem fins lucrativos fundada em 02 de setembro de 1992, no Rio de Janeiro. Esta organização foi fundada e é conduzida por mulheres negras de diferentes formações.

² Mestranda no programa de Pós-graduação em ciências sociais na PUC-Rio, pesquisadora do NIREMA – Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente/PUC-Rio. Email: ladyebano@yahoo.com.br.

³ Ver em Matilde Ribeiro. Antigas personagens, novas cenas: mulheres negras e participação política. Site: empreende.org.br/artigo-programas.htm. Acessado no dia 20 de maio 2010.

⁴ Ver em Rosália de Oliveira Lemos. Feminismo Negro em Construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro:UFRJ. Departamento de Psicologia, 1997, p. 118.

⁵ *Ib.*, *Id.*, p. 119-120.



Algumas feministas por acreditarem que a questão maior da mulher era a opressão masculina, consideraram que o feminismo negro representava uma oposição a elas, e não uma forma de mostrar uma sociedade múltipla etnicamente. Esse feminismo negro, em construção, buscou explicitar a opressão vivida pelas mulheres negras devido à ideologia racista inferiorizante incorporada nas relações sociais. Lemos revela que talvez as feministas brancas não fossem contrárias às organizações das mulheres negras. Mas, o que de fato as feministas brancas não queriam, ou não estavam preparadas para fazer, era discutir o racismo e o poder. Essa postura do feminismo tradicional reproduz a idéia de que o racismo só diz respeito aos negros, nesse caso somente às mulheres negras; e não à sociedade como um todo.

A partir de 1985 surgem as primeiras organizações de Mulheres Negras no Brasil. Segundo Núbia Moreira⁶ (2006), após o encontro realizado em Bertioga/SP se consolida um discurso feminista entre as mulheres negras, que atenua a rejeição manifestada inicialmente por parte das negras em aceitar a identidade feminista. Nesse cenário, é importante compreender quais são as influências, as semelhanças, os conflitos, as tensões entre as feministas brancas e as negras?

Além da não incorporação do racismo como bandeira, o feminismo branco também não percebia a existência de uma problemática específica atingindo as mulheres negras. Lemos cita a fala da fundadora e coordenadora da organização Criola, Jurema Werneck, que ilustra as diferenças e contradições entre o feminismo tradicional e o feminismo negro.

...tem o subemprego, as questões do trabalho, o direito à procriação que é diferente, porque se a mulher branca reivindica o direito de evitar filhos, a mulher negra reivindica o direito de tê-los, criá-los e vê-los vivos até a velhice⁷.

De fato, as bandeiras levantadas pelas mulheres negras e brancas tinham ênfases distintas. Com relação ao trabalho, as mulheres brancas lutavam pelo direito de trabalhar, o direito ao emprego no mercado de trabalho; mas as mulheres negras já estavam, há mais de quinhentos anos no mercado de trabalho, que explorava a sua mão de obra. As mulheres negras, mais especificamente, reivindicavam direitos trabalhistas, como redução da jornada de trabalho, melhores condições de trabalho. Segundo Lemos, o que as mulheres negras vivenciaram em relação a esse feminismo não foi apenas a desarticulação entre as suas bandeiras, mas também vivenciaram uma tomada de consciência, uma explicitação de como a forma de se olharem e se colocarem no mundo eram diferentes das mulheres do grupo dominante.

⁶ Ver Núbia Regina Moreira. Representação e identidade no feminismo negro brasileiro. Artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Agosto de 2006 na UFSC.

⁷ Ver Rosália de Oliveira Lemos. Feminismo Negro em Construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro:UFRJ. Departamento de Psicologia, 1997, p. 125.



As mulheres negras buscaram na arena política o espaço de sua representação, onde demarcavam a especificidade da condição de negra em relação ao movimento negro e, principalmente em oposição ao feminismo. No seio do movimento negro, as mulheres negras também não se sentiam ouvidas como os homens eram ouvidos, elas sofriam com a opressão sexista. O feminismo negro buscou então, não somente a erradicação do racismo como também a do sexismo/machismo. O termo feminismo negro é questionado por boa parte das ativistas do movimento de mulheres negras, por considerarem o termo feminismo datado, e ligado às demandas das mulheres brancas e burguesas. Além disso, as formas de organização de mulheres negras são mais antigas do que o movimento feminista tradicional, ou seja, o movimento de mulheres brancas e burguesas. Uma das lideranças entrevistadas salientou que o movimento de mulheres negras tem mais influências e características das formas associativas negras antigas, como por exemplo, a forma de organização das religiões de matriz africana. Nossa interlocutora sugere que essas influências explicariam o fato de que a maior parte das organizações de mulheres negras tem nomenclaturas de instituto, grupo, entidade, coletivo de mulheres negras. Não utilizando termos: como feminismo negro ou organização feminista negra; e rejeitando todos seus encargos.

Embora a década de 80 represente o apogeu do movimento das mulheres negras, não devemos ignorar os antecedentes da década de 50 que constituem de certa forma um marco inicial na construção e consolidação do movimento de mulheres negras. Núbia Moreira (2006) revela que em 1950 foi criado o Conselho Nacional de Mulheres Negras no Rio de Janeiro, representando então o primeiro registro de organização autônoma de mulheres negras. Este Conselho foi um desdobramento do Departamento Feminino do Teatro Experimental do Negro sob direção de Maria Nascimento. Segundo Joselina da Silva (2005), Maria de Lurdes Nascimento, Nair Theodora Araújo e Antonieta de Barros foram grandes lideranças negras da época. Essas três mulheres protagonizaram a luta por reconhecimento das mulheres negras, como também faziam a denúncia das desigualdades raciais, de gênero, social.

Os anos da década de 1980 foram marcados por muita efervescência. Essa década representou um marco no avanço da luta das mulheres negras, as organizações de mulheres negras passaram a ter uma maior intervenção no cenário político nacional.

Em 1983, no Rio de Janeiro, se forma o coletivo de mulheres negras Nzinga, composto por mulheres de classe média e baixa. Essa organização tinha como objetivo articular a discussão de gênero e raça, mas teve vida curta, se finda em 1987. Mas, Nzinga também serviu de inspiração as



outras organizações que vieram a se constituir. Posteriormente, será aprofundada uma discussão sobre esse grupo pioneiro.

Núbia Moreira, comentando a fala de uma ativista brasileira, chama a atenção para o paralelismo existente entre as pautas dos dois grupos de mulheres, mulheres brancas de um lado, mulheres negras de outro..

O feminismo da década de 80 no Brasil era o feminismo do direito ao corpo; nosso corpo nos pertence e as mulheres negras sempre reivindicaram para além dessas coisas sem discutir o valor dessas questões, mas a inclusão do discurso racial, ou melhor, a presença do racismo dentro do feminismo. Reivindicavam uma outra questão que não essa das mulheres de classe média brancas, ou seja, o direito ao trabalho, direito a creche, direito a casa, direito a auto-imagem, direitos sociais, direito à vida. As feministas não estavam procurando esse tipo de coisas, sequer estavam considerando isso pauta do feminismo. (Moreira. 2006, p. 4)

Essas questões pautaram a construção das organizações de mulheres negras. Geledés – Instituto da Mulher Negra é um exemplo dessas demandas, criado em 1988 no período de grande ebulição dos encontros nacionais e conferências internacionais das mulheres negras. O Geledés foi criado por um grupo que pertenceu, anteriormente, ao Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo. Inicialmente, o Geledés foi estruturado em três programas: Direitos Humanos, Saúde e Comunicação. Atualmente, a organização atua também na área educacional. O Instituto conta com uma assessoria jurídica para combater a discriminação racial, um projeto de capacitação de jovens de baixa renda. O Geledés foi o primeiro grupo de mulheres negras no Brasil a criar um programa de saúde, que desenvolveu atividades no campo da saúde reprodutiva e prevenção de AIDS, influenciando diversos grupos a assumirem a temática da saúde.

Já a organização Criola foi fundada quatro anos depois, em 1992 no Rio de Janeiro. Essa organização foi fortemente influenciada pelo período efervescente da década de 80. Foi criada por um grupo de mulheres negras que pertenceu, anteriormente, ao programa de Mulheres do CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas - e a diferentes organizações negras e instituições governamentais que atuavam em serviços de proteção à criança e ao adolescente. A organização Criola trabalha com formação e informação, desenvolvendo atividades na área da saúde, violência, cultura e direitos humanos. Criola trabalha com crianças, adolescentes e mulheres negras, estimulando a auto-estima, com o objetivo de instrumentalizá-los para o enfrentamento do racismo, do sexismo e da homofobia.

Matilde Ribeiro (1995) cita alguns eventos marcantes do momento de efervescência da luta política dessas mulheres, como o III Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado no ano de 1985 em Bertioga/Brasil. Nesse Encontro, mulheres negras de vários países debateram temáticas, como Racismo e Feminismo. E constataram, através de depoimentos das participantes,



que havia grande dificuldade de tratar da realidade vivida pelas mulheres negras. Em 1987, o IX Encontro Nacional Feminista (ENF), realizado em Garanhuns/PE, foi marcado por fortes pressões e críticas das mulheres negras em relação à ausência da questão racial na pauta.

Em 1988, as mulheres negras brasileiras dão impulso para a construção de sua organização autônoma, com uma fisionomia própria e caráter nacional. Com o objetivo de intensificar reflexões e ações contra a opressão racial e de gênero. Segundo Ribeiro (1995), outro marco importante foi à realização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras (ENMN) em Valença, também no ano de 1988. Esse evento foi precedido por encontros e seminários em vários estados do Brasil, que possibilitaram a mobilização de mulheres negras e o aprofundamento do debate político.

O movimento das mulheres negras buscou articular, de maneira autônoma, novas concepções e perspectivas. Sueli Carneiro (2003) revela, nesse contexto, a emergência da expressão “*enegrecendo o feminismo*”, que adquire grande importância e torna-se uma palavra de ordem nessas organizações. Essa expressão passa a ser utilizada para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Corroborando a visão de Lélia Gonzalez, de que “*a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial*”. Nessa perspectiva, a opressão racial seria mais forte que a de gênero, daí o processo de conscientização racial ser necessariamente anterior ao de sexo.

As organizações Geledés e Criola tiveram como tendência expressar questões acerca do racismo, de gênero em suas agendas políticas. As mulheres negras, particularmente, assumiram um papel vigilante de pressionar pela visibilidade de sua existência e de sua participação política. As organizações de mulheres negras, em geral, reivindicam sua especificidade enquanto mulheres negras (a diferença), como também reivindicam acesso a direitos (igualdade).

Quanto à invisibilidade da ação política das mulheres negras, ou a forma secundarizada com que o caráter de sua opressão e organização foi tratado. Verificou-se que as mulheres negras aparecem como “sujeitos implícitos”, sejam por meio do discurso ou da produção teórica, dentre as/os demais participantes dos movimentos (feminista e negro). No entanto, as mulheres negras, embora, atuantes nesses movimentos, ao longo dos anos, não se destacaram como interlocutoras políticas da mesma maneira que os homens. Como também suas questões específicas foram menosprezadas. Mesmo assim, elas trilharam seu próprio caminho, por meio da construção do movimento e/ou organização autônomas (Matilde Ribeiro, p. 196).



Nessa perspectiva, Sueli Carneiro, em seu artigo “Mulheres negras e o poder: um ensaio sobre a ausência”⁸, salienta que a relação entre mulher negra e o poder é um tema quase inexistente. Sendo assim, falar sobre essa temática é um desafio, pois significa o mesmo que falar do ausente. Entretanto, é possível perceber, mulheres negras exercendo poder, através da constituição das organizações autônomas, administradas, gestadas e coordenadas por elas.

As mulheres negras, por meio de suas organizações autônomas, têm apresentado e discutido temáticas que nos obriga a refletir sobre o que, e como conquistar qualidade de vida social, com o desafio de reconhecer e intervir na cena pública como legítimas interlocutoras nas diversas áreas. As organizações de mulheres negras, especialmente Geledés e Criola, a partir da sua ação coletiva, representaram uma forma que as mulheres negras encontraram para lutar e romper com entraves sociais, e com a invisibilidade social. Ou seja, as mulheres negras se expressam, emitem suas próprias opiniões e visões de mundo, por meio da produção intelectual, ação e representação política. Isso pode ser exemplificado com a constituição da Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras – AMNB⁹, que surge no contexto da III Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas realizada na África do Sul, Durban em 2001. A AMNB mostrou-se exitosa no processo de mobilização e participação das mulheres negras em todos os níveis da III Conferência, e permanece ativa até o presente.

Contudo, há algumas limitações que precisam ser superadas, como Sueli Carneiro mencionou que o grande desafio das organizações de mulheres negras seria superar “deficiências que implicam em centralização das tarefas mais complexas e em morosidade e falta de prontidão para responder às oportunidades de incidência política sobre as políticas públicas e para a viabilização de projetos e estratégias¹⁰”. É importante desenvolver uma política de formação e capacitação de mulheres negras que deve se voltar para as necessidades concretas ditadas pelos objetivos estratégicos definidos pelas mulheres negras organizadas.

Hooks (1995) acrescenta que numa cultura racista, sexista e anti-intelectual, as mulheres negras devem criar estratégias para contrapor a baixa estima imposta às elas. Estratégias que valorize seu próprio trabalho, mesmo que este não seja legitimado por estruturas legitimadas. Isso as mulheres negras brasileiras, por meio de suas organizações autônomas veem buscando realizar.

⁸ Ver artigo publicado 21 de dezembro de 2009 no site: <http://www.geledes.org.br/sueli-carneiro/mulheres-negras-e-poder-um-ensaio-sobre-a-ausencia.html>. Acessado no dia 22 de junho de 2010.

⁹ A Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras possui 23 organizações integrantes em todo o país, com 4 organizações na coordenação: Criola/RJ; Geledés/SP; Grupo de Mulheres Negras Malinga/GO; IMENA/AP.

¹⁰ *Ib.*, *Id.*, p. 8.



As mulheres negras criaram espaços únicos de resistência, educação e criatividade, onde puderam exercer o poder de se autorepresentar e de intervenção política.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo (org). Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

ALVAREZ, Sônia E., DAGNINO, Evelina, e ESCOBAR, Arturo. Organizadores – Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras. Ed. UFMG, Belo Horizonte, 2000.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. Revista Estudos feministas. Nº2\95. vol.3. 1995.

_____. Lembrando Lélia Gonzáles. In: O livro da saúde das mulheres negras. WERNECK, Jurema (org.) Rio de Janeiro: Pallas-Criola, 2000.

BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação de Mestrado. Departamento de História da PUC-Rio. 2005.

BERNARDO, Terezinha. Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu. São Paulo: EDUC, Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. Revistas Estudos Feministas, vol. 8, nº 2, 2000.

_____. The Black Women's Movement. Politicizing and Reconstructing Collective Identities. In Negras in Brazil. British Library. 2007.

CANTO, Vanessa Santos do. O devir “mulher negra” subjetividade e resistência em tempos de crise do capitalismo. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-Rio, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento. Estudos Avançados 17 (49) 2003.

_____. Identidade Feminina. In. Cadernos Geledés. Nº4, 1993.

_____. Mulher negra e o poder: um ensaio sobre a ausência., publicado em 21 de dezembro de 2009. <http://www.geledes.org.br/sueli-carneiro/mulheres-negras-e-poder-um-ensaio-sobre-a-ausencia.html>. Acessado no dia 22 de junho de 2010.



COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. Labrys, estudos feministas/ études féministes. Janeiro/julho 2005.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the margins: Interseccionalidade, identity politics, and violence against women of color. Source: Stanford Law Review. Vol. 43, nº6, jul. 1991, pp. 1241-1299.

CURIEL, Ochy. Identidades Esencialistas o Construcción de Identidades Politicas: El dilema de las feministas negras. Revistas Otras Miradas, Grupo de investigación em Gênero y Sexualidad – GIGESEX. Vol.2, nº 2. 2002.

EVARISTO, Conceição. Da representação auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. Revista Palmares. Cultura Afro-brasileira. Ano I, nº I – agosto, 2005, ISSN 108 7280.

_____. Ponciá Vicêncio.. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

FANON, Franz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador, EDUFBA, 2008.

GIACOMINI, Sônia. Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

_____. A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luis Augusto. ANPOCS, 1983. (ciências sociais hoje, nº 2).

_____. Mulher Negra. In: Revista Afrodiáspora. A.3, n 6-7, São Paulo: IPEAFRO, 1985.

GUHA, Ranajit. "On Some Aspects of the Historiography of Colonial India". *Subaltern Studies 1: Writings on South Asian History and Society*. Delhi: OUP, 1982.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. Revista Estudos feministas. Nº2/95. vol.3. 1995.

LE MOS, Rosália de Oliveira. Feminismo Negro em Construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ. Departamento de Psicologia, 1997.

MOHANTY, Chandra Talpade. Bajo La mirada occidental: La investigación feminista y los discursos coloniales. Tradução de Pilar Cuder Dominguez. U. de Huelva. Original em língua inglesa publicado originalmente in: Chandra Mohanty, Ann Russo and Lourdes Torres, edd. *Third World Women and the Politics of Feminism*. (Bloomington: Indiana UP, 1991).



MOREIRA, Núbia Regina. Representação e identidade no feminismo negro brasileiro. Artigo apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Agosto de 2006 na UFSC.

_____. O Feminismo Negro Brasileiro. Um estudo do movimento de mulheres negras no rio de Janeiro e São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 2007.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. SP, Summus, 2003.

_____ (org). Guerreiras de Natureza: Mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 3) 2008.

PACHECO, Ana Claudia Lemos. Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador\Bahia. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP. 2008.

PINTO, Celi Regina. Uma história do feminismo no Brasil. Editora Fundação Perseu Abramo, SP, 2003.

RATS, Alex. Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertioga a Beijing. Revistas Estudos feministas. Vol. 3, nº2, 1995.

_____. Antigas personagens, novas cenas: mulheres negras e participação política. Site: empreende.org.br/artigo-programas.htm. Acessado no dia 20 de maio 2010.

ROLAND, Edna. O movimento de mulheres negras brasileiras: desafios e perspectivas. In: HUNTLEY, Lyn e GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Tirando a Máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo. Ed. Paz e Terra, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.

_____. O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): 11-30, janeiro-abril/2005.

SEBASTIÃO, Ana Angélica. Memória, imaginário e Poder: práticas comunicativas e de resignificação das organizações de mulheres negras. Rio de Janeiro, Dissertação de mestrado em Comunicação – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.



SILVA, Joselina da. União dos homens de cor (UHC): uma rede do movimento social negro, após o Estado Novo. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. RJ, 2005.

_____. Feministas negras entre 1945 e 1964: o protagonismo do Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. Artigo apresentado no XXV Congresso de Sociologia (ALAS) – Grupo: Gênero, Desigualdades e Cidadania, Porto Alegre, 22 a 25 de agosto de 2005.

_____. Vozes Soantes no Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis: mulheres negras no pós 1945. Revista da ABPN. V.1, Nº1, mar-jun de 2010, p. 28-38.

SILVA, Eliane Borges da. Para além do próprio umbigo: as mulheres negras militantes de Salvador e a construção do imaginário feminino. Dissertação de mestrado apresentado a Universidade Federal da Bahia. 1998.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri C. "Can the Subaltern Speak?: Speculations on Widow Sacrifice". *Wedge* 7 (8), 1885.

SUDBURY, Júlia. Outros tipos de sonhos: organizações de mulheres negras e políticas de transformação. Ed. Selo Negro. Summus, SP. 2003.

THEODORO, Helena. Mito e espiritualidade: mulheres negras. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

VIGOYA, Mara Viveiros. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidad en el contexto latinoamericano actual. In. www.wie.im.ufba.br/pub/Main/LivioSansone/Texto_de_Mara_viveiros.doc (consultado no dia 15/04/2010. p.1-20.

WALKER, Alice. A cor púrpura. São Paulo: Marco Zero, 1986.

WERNECK, Jurema. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. (org.) Jurema Werneck, Maisa Mendonça, Evelyn C. White; (tradução) Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília Macdowell dos Santos, 2ª edição. RJ. Ed. Pallas/Criola, 2002.

WERNECK, Jurema. O samba segundo as Ialodês: Mulheres negras e cultura midiática. Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

_____. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de Mulheres Negras e Estratégias Políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da ABPN. V.1, N.1, mar-jun de 2010.

Sites: criola@criola.org.br consultado nos dias 26/11/2008; 20/05/2009.



geledes@geledes.org.br consultado nos dias 26\11\2008; 20\05\2009.